

### CAPITULO III

## [PALAVRA E REALIDADE]



ADEODATO – Admiro-me de não saberes, ou antes, de simulares não saber que é absolutamente impossível, por meio de resposta minha, fazer o que tu queres. Com efeito, estamos a conversar, onde não podemos responder senão por palavras. Mas tu pretendes um gênero de coisas que sejam quais forem, certamente não são palavras. Contudo, é com palavras que tu me perguntas. Pergunta tu primeiro sem palavras, para eu te responder depois nessas condições.

AGOSTINHO – Com todo o direito assim procedes, confesso. Contudo, se eu te perguntasse que significam

as três sílabas que se proferem ao dizer *párede*, não o poderias mostrar com o dedo? Desse modo, eu veria imediatamente pela tua indicação, e sem pronunciar nenhuma palavra, a coisa mesma de que é sinal essa trissilábica.

ADEODATO – Admito que isso só é possível no caso de palavras que significam corpos, se esses mesmos corpos estiverem presentes.

AGOSTINHO – Dizemos porventura que a cor é corpo, ou pelo contrário certa qualidade do corpo?

ADEODATO – Assim é.

AGOSTINHO – Por que razão, nesse caso, se pode também mostrar com o dedo? Porventura ajuntas também aos corpos as qualidades dos corpos, de modo que estando elas presentes, se podem dar a conhecer sem palavras?

ADEODATO – Quando eu disse *corpos*, queria que se estendesse tudo que é corporal, isto é, tudo que se sensoria nos corpos.

AGOSTINHO – Mas repara todavia se também daqui tens alguma coisa a excluir.

ADEODATO – Advertes bem; não devia dizer tudo o que é corporal, mas sim tudo o que é visível. Reconheço

de fato que o som, o cheiro, o sabor, o peso, o calor e as outras propriedades que pertencem aos restantes sentidos, apesar de não se poderem sensoriar sem os corpos, e serem por isso corporais, não podem contudo ser mostradas com o dedo.

AGOSTINHO – Nunca viste como, por meio do gesto, os homens conversam, para assim dizer, com os surdos, e que os próprios surdos é igualmente com os gestos que perguntam, que respondem, que ensinam, que indicam ou todas as coisas que querem, ou certamente muitíssimas? Sendo assim, não são evidentemente só as coisas visíveis que se mostram sem palavras, mas também os sons e os sabores, e restantes coisas deste gênero. Além disso, os mesmos comediantes, nos teatros, muitas vezes apresentam e explanam histórias inteiras, sem palavras, por meio de bailado.

ADEODATO – Nada tenho a objetar, exceto que esse *ex*, não apenas eu, mas nem sequer um dançarino pantomímico te poderá mostrar, sem palavras, o que significa.

AGOSTINHO – Talvez digas a verdade; mas suponhamos que pode. Não duvidas, creio eu, que seja qual for o movimento do corpo, com que ele tentar mostrar a realidade significada por essa palavra, não se tratará dessa realidade mesma mas dum sinal. Por isso também ele não me indicará de fato uma palavra por outra palavra, mas apesar de tudo um sinal por outro sinal,

de maneira que este monossilabo ex e o respectivo gesto signifiquem uma certa realidade, essa que eu quereria me fosse apresentada sem o uso de sinal.

ADEODATO – Mas pergunto-te: como é possível o que pretendes?

AGOSTINHO – Como foi possível apresentar *parede*.

ADEODATO – Mas nem sequer esta se pode mostrar sem sinal, como o veio mostrando a seqüência do raciocínio. Realmente o aceno do dedo não é de modo nenhum a parede, mas dá-se um sinal pelo qual se possa ver a parede. Nada vejo, portanto, que se possa mostrar sem sinais.

AGOSTINHO – E se eu te perguntasse o que é andar, e tu te erguesses e o praticasses? Não te servirias da coisa mesma para me ensinar, e não de palavras ou quaisquer outros sinais?

ADEODATO – Confesso que assim é, e envergonho-me de não ter visto uma coisa tão manifesta. Isso traz-me ao espírito milhares de realidades que se podem mostrar por si mesmas, e não por meio de sinais, como seja comer, beber, sentar-se, estar de pé, gritar e um sem-número de outras.

AGOSTINHO – Pois bem, diz-me: se eu desconhecesse por completo a significação dessa palavra, e te

perguntasse o que é caminhar, a ti que estavas a caminhar, de que modo me ensinarias?

ADEODATO – Praticaria isso mesmo um pouco mais depressa, de modo que notasses algo de novo, após a tua pergunta; e também assim não se faria senão aquilo que se deveria mostrar.

AGOSTINHO – Sabes que uma coisa é caminhar, e outra apressar-se? Com efeito, ordinariamente quem caminha não se apressa; e quem se apressa nem só por isso caminha, pois nós falamos da pressa em escrever, em ler e em inumeráveis outras coisas. Por esta razão, se aquilo que estavas a praticar, o praticasses mais rapidamente depois da minha interrogação, eu havia de julgar que andar não era mais que apressar-se; era isso que tinhas acrescentado de novo, e por esse motivo me enganaria.

ADEODATO – Reconheço que sem sinal não podemos mostrar uma coisa, se a estivermos a praticar ao sermos interrogados. Com efeito, se nada acrescentarmos, quem pergunta julgará que não a queremos mostrar, e que, não fazendo caso dele, prosseguimos o que estávamos a fazer. Se porém nos interroga sobre coisas que podemos fazer, e todavia não interroga no momento em que as estamos a fazer, podemos mostrar-lhe, por meio da mesma realidade e não de um sinal, aquilo que pergunta, efetuando-o nós depois da sua interrogação; a não ser que, estando eu porventura a falar,

SANTO AGOSTINHO

me pergunte o que seja falar. Efetivamente, diga eu nesse caso o que disser, tenho necessariamente de falar para o ensinar. Por isso, sem me retirar da coisa mesma, que desejou lhe fosse ensinada, e sem buscar sinais com que mostrar, além dela mesma, continuando eu [a falar], ensiná-lo-ei até lhe tornar claro o que deseja.